

A imprensa regional chilena e os povos originários de *Wallmapu*: entre a justificativa do processo de invasão de territórios indígenas e a construção de um espaço de resistência (1885-1910)

Mateus Fávaro Reis

Universidade Federal de Ouro Preto
Mariana - Minas Gerais - Brasil
mateus.reis@ufop.edu.br

Resumo: Escrever sobre as relações entre invasão chilena dos territórios do Meli Wixan Mapu; Waj mapu ou Wallmapu – em mapudungun, por meio da imprensa regional, consiste em lançar novos olhares sobre um tema marcado por tensões, disputas, mas também alguns diálogos. Nosso objetivo consiste em mapear parte significativa do debate que se estrutura nos principais periódicos fundados durante a expansão chilena em direção aos territórios dos povos do Wallmapu, principalmente os diferentes povos mapuche. A principal hipótese que buscamos sustentar se relaciona ao importante papel da imprensa como criação de um espaço de debate sobre a ocupação dos territórios desses povos e a justificativa do longo processo de “Pacificação da Araucanía”; e as denúncias dos abusos efetuados por agentes do Estado chileno, durante a “radicação indígena”, bem como as críticas aos inúmeros problemas de funcionamento das linhas férreas, dos serviços de fornecimento de energia, água potável e saneamento básico; por outro.

Palavras-chave: Histórias Indígenas; Mapuche; Chile; Periódicos; Resistência.

Introdução

Segundo Chimamanda Adichie (2019, p. 26), “a história única cria estereótipos, e o problema com estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história”. Além disso, a escritora e “contadora de histórias”, segundo uma de suas autodefinições, afirmou que

as histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser para empoderar e humanizar. Elas podem ser usadas para despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (Adichie, 2019, p. 32).

Assim, é importante enfocar diferentes narrativas, fontes e/ou referências que possibilitem a construção de interpretações que busquem enfatizar a heterogeneidade das relações que os seres humanos - e suas coletividades - estabelecem entre si.

Neste sentido, o presente artigo busca entrecruzar as narrativas elaboradas por parte da imprensa chilena, que contou com a participação de pessoas mapuche,¹ em alguns momentos, bem como de pesquisas, estudos e demais referências construídas por pessoas mapuche e não-mapuche, denominadas de wingka (Caniuqueo; Levil; Marimán; Millalén, 2006), pewenche, williche, entre outros povos que formavam e formam as diversas sociedades originárias na região do Waj Mapu, Osorno e parte de Chiloé.

Aliás, vale ressaltar que a *Comunidad de Historia Mapuche* (CHM)/*Centro de Estudios e Investigaciones Mapuche* se organizou entre 2004 e 2006, por meio de vários *Nütram*², e se transformou em um importante espaço de construção de teorias e práticas sobre as histórias dos povos mapuche e suas constantes lutas anticoloniais (Nahuelpan *et al*, 2012).

Neste sentido, nossas interpretações se sustentam nas críticas de autoria construída coletivamente por pessoas (che) do Wallmapu, ao assinalar vários equívocos das descrições etnográficas, antropológicas e historiográficas produzidas por wingka. Somente para citar alguns exemplos, José Millalén Paillal criticou o conceito de etnogênese e a utilização do termo araucanos para se referir aos mapuche:

É provável que antes da invasão espanhola, a sociedade étnica e culturalmente homogênea que passou a se nomear mapuche, não se autodenominasse coletivamente com um etnônimo comum. Situação que podemos compreender, por um lado, segundo as maneiras de ocupação dos espaços territoriais e a construção de suas relações econômicas, religiosas e espirituais associadas finalmente à criação dos Fütalmapu (Millalén Paillal, 2006, p. 35).³

Os diferentes povos que formam os mapuche, possuíam e possuem, pois devemos evitar tratar dos povos originários no passado, sólidas definições territoriais,⁴ que ultrapassam os conceitos de um tempo e espaço geográficos, como demonstraram, entre

¹ Em mapuzungun ou mapudungun, não se deve colocar o “s” ao final para fazer o plural, já que a adição do sufixo che é o elemento que forma o plural.

² Nüxam ou Nütram: “É o meio por meio do qual se produz a interação entre as pessoas, o que resulta em um permanente proceso de recreação e transferência mútua de conhecimentos nos mais variados temas”. Original: “Es el medio a través del cual se produce la interacción entre las personas, resultando un permanente proceso de recreación y traspaso mutuo de conocimientos en los más variados temas” (Mariman, 2006, p. 276).

³ Es probable que antes de la invasión española la sociedad étnica y culturalmente homogênea que más tarde se dio el nombre de mapuche, no se autodenominara colectivamente con un etnónimo común, situación que podemos comprenderla por un lado, según los patrones propios de ocupación de los espacios territoriales y la construcción de sus relaciones económicas, religiosas y espirituales asociadas finalmente a la creación de los Fütalmapu.

⁴ Pikumche, Lafkenche, Lelfünche, Pewenche e Williche no Gulumapu (Millalén Paillal, 2006, p. 35). O Gulumapu ou Ngulumapu corresponde ao território “localizado a oeste do Pire Mapu (Cordilheira dos Andes) e que abarcaba aproximadamente 30 milhões de hectares” (Nahuelpan, 2012, p. 124).

outros,⁵ Viviana Huilñir-Curío (2015), no artigo *Los senderos pehuenches en Alto Biobío (Chile): articulación espacial, movilidad y territorialidad*.

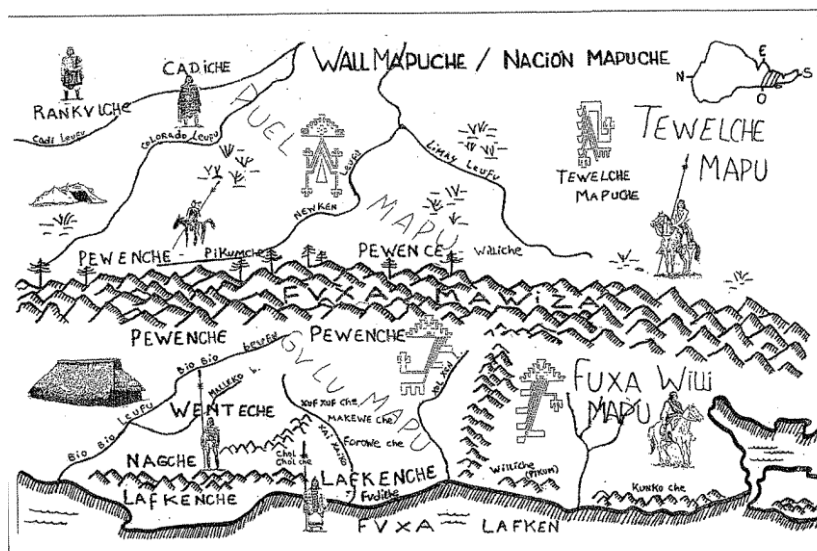


Figura 1 - Mapa do Wallmapu
Fonte: MARIMÁN, 2006, p. 60



Figura 2 - Mapa dos Fütalmapu
Fonte: MELÍN; MANSILLA; ROYO, 2016, p. 25

⁵ Consultar o artigo "Conocimientos geográficos y territoriales con base epistémica en la memoria social mapuche" (Quintriqueo; Arias-Ortega; Muñoz; Torres; Morales; Peña-Cortés, 2021), bem como o livro *Cartografía cultural del Wallmapu: elementos para descolonizar el mapa en territorio mapuche* (Melín; Mansilla; Royo, 2019).

Do mesmo modo, ao mencionar Sergio Bengoa (1996, p. 14) como uma das referências importantes para a construção de uma história mapuche, o *Informe de la Comisión Verdad Histórica y Nuevo Trato con los Pueblos Indígenas* destacou que “hay una cierta evidencia de que alrededor de los años 500 a 600 a. C. ya existía una cultura que se puede denominar mapuche” (CHILE, 2008, p. 319).

Já o termo Araucanía e araucanos, derivados de Arauco, foi solidamente criticado por Millalén Paillal, ao explicitar que os espanhóis passaram a denominar “araucanos”, aos povos da região lafkenche, isto é, do litoral próximo à Concepción. Posteriormente, se estendeu equivocadamente a todas as regiões do Wallmapu (Millalén Paillal, 2006, p. 37).

Tais críticas são importantes para pensarmos a batalha de categorias que foram utilizadas para denominar e submeter os territórios dos povos mapuche, o que se acentuou com a imposição da escrita em castelhano sobre as narrativas orais em mapudungun. Contudo, como assinalou Clorinda Cuminao (2007, p. 154),

surge um tipo de resistência e adaptação cultural que envolve um proceso dinámico, em que se realiza uma apropiación de elementos culturais alheios, más que se colocam ao serviço de propósitos que permitem tomar decisões autónomas. Isto foi o que aconteceu no tránsito da oralidade para a escrita.⁶

As publicações da *Comunidad de Historia Mapuche*, por meio de editora própria, criada em 2012, representam um importante capítulo do lugar dos impressos nas lutas políticas e socioculturais nos últimos séculos, pois não podemos nos esquecer que parte significativa do colonialismo fincou suas raízes dos documentos, na palavra escrita, nas assinaturas de contratos, na legislação publicada e na alfabetização obrigatória em idiomas únicos e considerados nacionais.

Neste processo, os impressos – que não se sobrepunham completamente às formas oralizadas, incluindo-as em seus suportes materiais – foram importantes para dar contornos mais delimitados para a chamada esfera pública (Habermas, 1984) ou para os espaços públicos (Guerra; Lempérière, 1998); permitiram corporificar lugares para a confrontação de ideias e criação de engajamentos políticos; bem como captaram e promoveram a elaboração e difusão de identidades (Alonso, 2004; Dutra, 2006).

Em recente artigo sobre a expansão chilena sobre o Wallmapu e as diferentes formas de resistência e negociação política que se aprofundaram no século XIX, a

⁶ Surge un tipo de resistencia y adaptación cultural que da cuenta de un proceso dinámico, donde se realiza una apropiación de elementos culturales ajenos que se ponen al servicio de propósitos que permiten tomar decisiones autónomas. Esto fue lo que ocurrió con el tránsito de la oralidad a la escritura.

historiadora brasileira Alessandra Seixlack destacou a importância da imprensa no processo:

A imprensa certamente constituiu um dos mais profícuos canais de expressão e de disseminação do vocabulário político depreciativo do indígena na América Hispânica. No que diz respeito à experiência chilena, os jornais que tiveram uma atuação de destaque nesse debate foram *El Mercurio* de Valparaíso, *El Ferrocarril* de Santiago, *El Correo del Sur* de Concepción, *La Tarántula* de Concepción e *El Meteoro* de Los Ángeles (Seixlack, 2022, p. 120).

Em um dos principais livros publicados sobre as relações entre os povos mapuche e o Estado nacional chileno, o historiador Jorge Pinto, da *Universidad de La Frontera* (UFRO), sediada em Temuco, demonstrou que houve um projeto inicial de inclusão, particularmente simbólica, dos povos originários ao Estado, mas que em apenas três décadas se transformou em ações de invasão dos territórios, com ampla participação dos jornais *El Mercurio*, sediado em Valparaíso, e de um dos principais jornais de Santiago, *El Ferrocarril*:

Pode-se dizer que foi elaborada uma “ideología da ocupação”, com forte conteúdo anti-indigenista, o que acelerou e legitimou a ação do Estado, lançando na opinião pública a ideia do mapuche como bárbaro incorrigível, que ultrajava o país e entorpecia seu desenvolvimento (Pinto, 2003, p. 152).⁷

Jorge Pinto (2003) destaca, além disso, que os debates do nascente Estado chileno enfatizaram, ainda que com visões bastante divergentes, que os indígenas precisavam sofrer um processo de “civilização” e reunião efetiva aos demais habitantes do território nacional, mas ainda respeitando suas opiniões até a década de 1840. Entretanto, com o passar dos anos, a precária “inclusão” dos mapuche à República passou a sofrer críticas, que se intensificaram durante a segunda metade do século XIX, levando à sua submissão e exclusão, durante a Ocupação da “Araucania”, entre 1862 e 1881.

Em consonância com Jorge Pinto, os também historiadores chilenos Julio Pinto e Verónica Valdivia (2009) assinalaram que se arquitetou uma ambivalência evidente durante as décadas iniciais de formação do Chile. Em primeiro lugar, em 1812, houve a proposta – abandonada pouco tempo depois – da adoção de uma bandeira contendo um casal de indígenas. Em seguida, o segundo jornal oficial, depois de *La Aurora de Chile*, recebeu o título de *El Monitor Araucano* (1813-1814). Em terceiro, durante uma das primeiras celebrações da independência, no dia 18 de setembro, as mulheres foram

⁷ Se podría decir que se elaboró una especie de “ideología de la ocupación”, de fuerte contenido antiindigenista, que apresuró y legitimó la acción del Estado, proyectando a la opinión pública la idea de un mapuche de barbaridad incorregible, que ultrajaba al país y entorpecía su desarrollo.

vestidas de trajes indígenas. Por fim, importantes líderes da luta contra o Império Espanhol, como Bernardo O'Higgins e Camilo Henríquez, olhavam com simpatia as “façanhas” dos indígenas que também haviam lutado contra os espanhóis em prol de sua liberdade, particularmente aqueles situados na região do Wallmapu ou Araucanía. Posteriormente, entre 1830 e 1877, foi publicado o periódico bisemanal *El Araucano*.

Anteriormente, o historiador e antropólogo chileno José Bengoa publicou um dos mais embasados livros sobre a história mapuche, ao apresentar os principais debates sobre migrantes, missões religiosas e viajantes que buscavam realizar acordos com diferentes lideranças mapuche, assim como elaborar imagens, descrições geográficas e relatos sobre o Wallmapu, até a década de 1860. Contudo, a partir de 1869, o Estado chileno demonstrou que havia se enveredado por caminhos completamente beligerantes, durante uma verdadeira “Guerra de Extermínio” (Bengoa, 1996, p. 205).

De forma convergente, a antropóloga argentina, Isabel Hernández, que trabalha em perspectiva comparativa e transnacional entre os cenários do Chile e da Argentina, assinalou que “para o povo mapuche, o século XIX começa com sua participação na fundação das repúblicas e culmina aniquilado pelas campanhas militares das repúblicas que ajudou a fundar” (Hernández, 2003, p. 121).

Em suma, a segunda metade do século XIX foi marcada pela vasta expansão territorial do país, o que engendrou a necessidade de redefinições a respeito das diversidades geográficas, das fronteiras nacionais e, acima de tudo, dos habitantes compreendidos na esfera do nacional (Avaria, 2008). Vale ressaltar que a Constituição da República do Chile, promulgada em 1833, definia a contiguidade das terras que formavam o território compreendido entre o deserto do Atacama, ao norte, e o Cabo de Hornos, ao sul do continente, limitado ao leste pela Cordilheira dos Andes e ao oeste pelo Oceano Pacífico. Ou seja, legalmente havia a previsão de que o Wallmapu pertencia de fato ao Chile (Salazar, 2005).

Nesse sentido, a incorporação obrigatória, via ação armada, da “Província de Arauco”, criada oficialmente em 1852, ou Wallmapu ao território nacional desempenhou um papel fundamental para o processo de consolidação do Estado e revisão do lugar dos indígenas (Mandrini, 2013), acima de tudo, dos povos mapuche no interior de uma república, que, segundo o historiador chileno Rafael Sagredo (2008), era bastante limitada devido às suas estruturas e práticas autoritárias.

Além disso, a historiografia chilena tem cada vez mais enfatizado o controle repressivo e a busca pela subordinação dos chamados setores populares – com a inclusão

dos indígenas – por parte das elites governantes, durante boa parte do século XIX, que divulgaram, em grande medida por meio dos impressos, visões que não os incluíam realmente na construção da cidadania e os consideravam como entraves ou obstáculos para se trilhar os caminhos vistos como “civilizatórios” (Grez, 1995; Illanes, 2005).

Desse modo, o presente artigo tem por objetivo central mapear e levantar parte dos principais jornais publicados nas regiões de ocupação no interior do Waj Mapu, os quais desempenharam um papel fundamental para divulgar e fazer circular textos e imagens, que canalizaram a elaboração de interpretações, muitas vezes ambíguas ou ambivalentes, sobre o (não)lugar dos povos indígenas na formação do Estado nacional chileno.

A proposta geral do artigo, portanto, consiste em elaborar uma primeira aproximação a respeito do debate construído sobre como tratar os indígenas no interior de algumas das mais significativas publicações periódicas da região incorporada ao território chileno, após a derrota mapuche, no começo da década de 1880, particularmente em três dos principais núcleos de “colonização” da parte central do Wallmapu: Angol, Temuco e Traiguén.

As pesquisas com as fontes jornalísticas têm revelado que o debate foi bastante intenso e que não houve muitos consensos sobre o tema, a não ser a denúncia da ineficiência e abusos cometidos por diversos agentes estatais, tanto acerca da radicação dos mapuche quanto da divisão de terras para colonos nacionais e imigrantes, por meio dos remates fiscais.

Mapeando os periódicos

Os periódicos pesquisados até o presente momento foram publicados na região mais povoada do Wallmapu, particularmente nas cidades de Angol, Puren, Traiguén e Temuco, entre as cordilheiras dos Andes e de Nahuelbuta.

Ao retomar significativos debates a respeito da formação das sociedades mapuche, Alessandra Gonzalez de Carvalho Seixlack enfatiza que as fontes insistem em afirmar que as relações entre Naugche ou (*abajinos*)⁸ e Wenteché (*arribanos*)⁹ não eram necessariamente amistosas e que os chilenos sabiam das dissensões e as incentivavam, ao tecer acordos com estes últimos, mais propensos a negociar com o Estado nacional, de

⁸ Habitantes das vertentes da Cordilheira de Nahuelbuta.

⁹ Habitantes do planalto central do Gulumapu e da pré-cordilheira dos Andes.

acordo com as fontes consultadas por diversos autores (Gonzalez de Carvalho Seixlack, 2022, p. 118).

A despeito das interpretações que enfatizam as alianças entre diferentes povos originários¹⁰ com os chilenos fronteiriços, bem como o comércio de terras entre algumas lideranças, principalmente na região norte e costeira do Wallmapu (Ruiz-Esquide, 1993; León Solís, 2014), e criação de variadas formas de mediações socioculturais, políticas e econômicas na fronteira do rio Bío-Bío, Sergio Bengoa demonstrou que houve muitas divergências e resistências também no interior dos lafkenche, lelfunche e pikumche, bem como dos pewenche – em grande medida distantes das principais incursões chilenas, por habitarem no Puel Mapu ou Cordilheira dos Andes. Muitos lof¹¹ e seus lonkos¹² realizaram, em momentos distintos, alianças com os *arribanos*, que lutavam arduamente contra as invasões chilenas. Contudo, as alianças não eram perenes e precisavam ser negociadas constantemente.

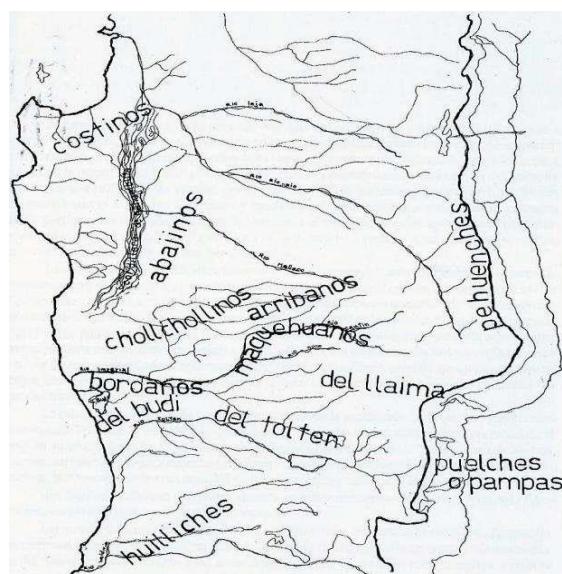


Figura 3 - Mapa intercultural do Gulumapu
Fonte: BENGOA apud SEIXLACK, 2022, p. 118

O jornal *El Colono* foi fundado em 13 de dezembro de 1885, inicialmente em Angol, cidade localizada numa extensa planície, a oeste da cordilheira de Nahuelbuta, terra de fronteira entre *abajinos* e *arribanos*, na região mais povoada do Wallmapu, como

¹⁰ Andrea Ruiz-Esquide utiliza a problemática expressão “índios amigos”, bem como “fronteira araucana”, em referência ao nome unilateral concebido pelos espanhóis e pelos chilenos, a despeito do termo não fazer sentido na cultura e língua mapuche, como salientou José Millalén Paillal (2006, p. 37-38).

¹¹ Organização sócio territorial da sociedade mapuche (Millalén Paillal, 2006, p. 31).

¹² A tradução do mapudungun é cabeça e a palavra pode ser interpretada como liderança comunitária.

destacou Sergio Bengoa (1996, p. 19).

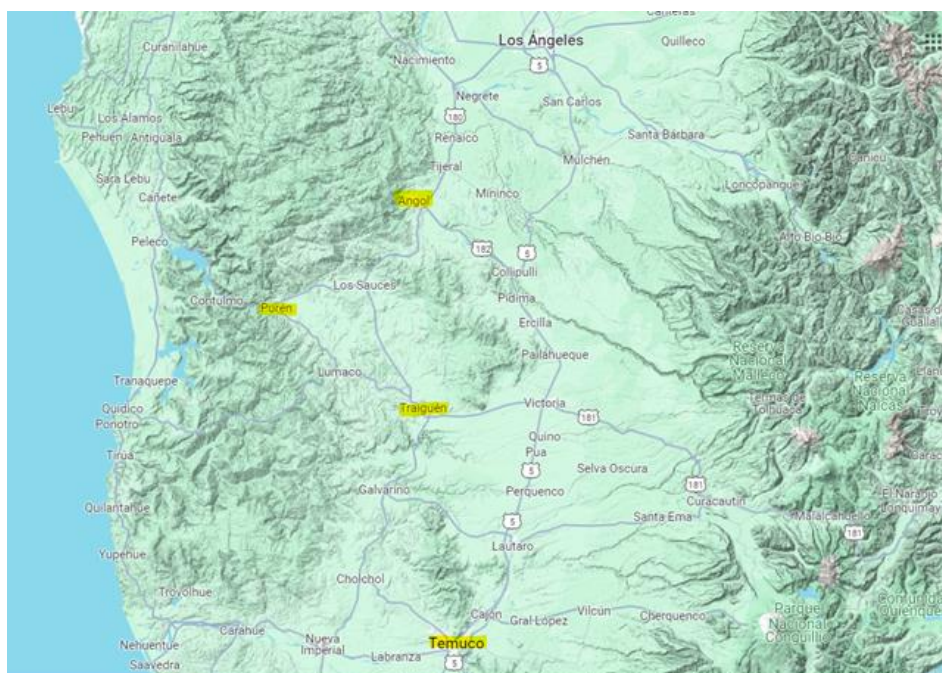


Figura 4 - Mapa em relevo, com destaque para as cidades de Angol, Purén, Traiguén e Temuco

Fonte: Google Maps. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-38.2165171,-72.6974234,gz?hl=pt-BR&entry=ttu>. Acesso em: 20 de abr. de 2024

El Colono se transformou em um dos principais órgãos da imprensa dos territórios ocupados pelo Estado chileno, que impôs o processo de “radicación, reducción y entrega de los Títulos de Merced”, entre 1884 e 1929, de acordo com o *Informe de la Comisión Verdad Histórica y Nuevo Trato con los Pueblos Indígenas* (Chile, 2008, p. 360) por meio de critérios que não levavam em consideração a organização dos territórios pelos próprios mapuche.

Assim como *El Colono* de Angol, vários periódicos foram fundados nos anos seguintes, com títulos emblemáticos sobre as posições das pessoas que migraram para a região, como *La Conquista* (1887), *La Lealtad* (1891); e *El Colono de Traiguén* (1906-1931). Houve periódicos que adotaram nomes que se relacionavam à denominação equivocada que os espanhóis impuseram sobre o Wallmapu, como *El Araucano de Angol* (1891-1892), *Araucanía* (1916-1917), *Arauco Indómito* (1924) e *El Araucano* (1926-1932). Além disso, dois periódicos se intitularam com nomes oriundos do mapuzungun: *El Traiguén* (1887-1909) e *El Quilapan* (1899-1906). Por fim, *La Igualdad* (1892-1893), *El Liberal Democrático* (1894), *La Época* (1903-1916) e *El Diario Austral* (1916-1930) utilizaram nomes mais vinculados a questões políticas, geográficas e temporais do universo

simbólico chileno, isto é, não-mapuche (*winka*).

Para o presente artigo, selecionamos somente alguns casos mais expressivos, pois não há espaço para tratarmos de todos os periódicos pesquisados detalhadamente. Assim, começamos o mapeamento pelo periódico *La Conquista*, publicado em Temuco, entre 20 de maio e dezembro de 1887. Ainda que declarasse seu tom imparcial e declarar que se distanciava do amparo de grupos políticos, o próprio nome da publicação semanal não deixava dúvidas da posição de apoio e justificativa da invasão chilena ao Waj Mapu.

Uma de suas primeiras abordagens sobre os povos mapuche apareceu no número 29, do dia 01º de dezembro, de 1887, com o artigo “Aquiles I Rei de la Araucanía”, por meio do qual afirmava equivocadamente que todos os longko mapuche haviam escolhido francês Orelie-Antoine de Tounens como rei da Araucania e da Patagônia, para dar proteção da França contra as invasões da Argentina e do Chile, pois há muitas interpretações divergentes sobre seu papel como negociador, administrador e mesmo como uma real ameaça para o território chileno na década de 1860 (Gonzalez-Marilican; Montanares-Vargas, 2023). Para além do interesse anedótico de Orelie-Antoine, várias lideranças mapuche o combateram, e já havia um significativo projeto chileno de ocupação do Wallmapu, como salientou Pablo Marimán (2006, p. 95).

La Conquista também publicou no número 33, de 29 de dezembro de 1887, uma carta de Domingo Coñuelpan, filho de Venancio Coñuelpan II, em que salientava o papel do pai na “Pacificação da Araucania”, para usar as palavras do autor, e a aliança com o exército chileno na importante região de Chol Chol e Galvarino, pois se situava entre as cidades de Traiguén e Temuco.

As alianças dos Coñuelpan com o Estado chileno são bem conhecidas e sua propensão à negociação ao longo dos séculos XIX e XX, mas também momentos de divergências e resistências, o que olhares generalistas não acentuam. Além disso, não nos surpreende que o jornal não concederia espaço para os adversários da ocupação militar do Wallmapu, nem trataria das diferentes posições adotadas por Venancio Coñuelpan II. A proposta de *La Conquista* estava explícita em se construir uma narrativa de embasamento de uma história única, para retomar a advertência de Chimamanda Ngozi Adichie (2019).

De qualquer forma, como destacou Bengoa, ao tratar das alianças – por diferentes motivos, entre eles o pragmatismo de evitar uma situação de destruição completa – costuradas entre os *abajinos* de Chol Chol, Renaco e Colpi, afirmou que Coñoepán argumentava que era impossível combater o exército chileno, ao preconizar alianças,

reconhecimento das terras mapuche e a fundação de cidades no Wallmapu (Bengoa, 1996, p. 265).

O jornal de Temuco tampouco tratava das pilhagens, depredações e violações realizadas por bandas de colonos que atuavam covardemente nos entornos das cidades fronteiriças, particularmente durante a Guerra do Pacífico (1879-1884), o que deslocou as tropas para o norte do Chile e diminuiu as possibilidades de controle de ações criminosas no Wallmapu. Assim, os mapuche que viviam nas linhas de fronteira, como Angol, Traiguén e Temuco fugiam para regiões mais protegidas de tais ações (Bengoa, 1996, p. 271).

Outro jornal de Temuco, de curta duração, abarcado por nossa pesquisa foi ligado ao Partido Liberal e defendia o exército de forma contundente, bem como não hesitava em chamar os mapuche de “bárbaros” e “selvagens” (*La Lealtad*, 1892, p. 1). Seu nome, *La Lealtad*, se relacionava ao apoio a José Manuel Balmaceda, presidente que sofria oposição ferrenha do parlamento. Contudo, não temos espaço para abordar as matérias publicadas de forma pausada, somente mencionar que o jornal vislumbrava um profícuo processo de colonização.

Publicado nos dois anos seguintes ao fechamento de *La Lealtad*, encontramos em *La Igualdad* (20 de fev. 1892 a 01 de jul. 1893), novamente em Temuco, o fervor pela colonização do Wallmapu e o que era visto como “progresso”, “modernidade” e “civilização”, pelos editores, com ênfase sobre o papel transformador das linhas férreas (*La Igualdad*, 1892, p. 1).

Entretanto, as denúncias de furtos, assaltos, roubos, insegurança e problemas de diferentes esferas foram as constantes das matérias publicadas no periódico semanalmente, tanto em 1892 como em 1893. Entre os desejos e as práticas cotidiana havia uma imensa lacuna.

Além disso, havia muitas críticas às propostas das realizações em Santiago dos leilões das terras incorporadas pelo Estado, ao longo dos rios Cautin e Malleco. Nas palavras do periódico:

Isso inquieta a vontade de numerosos agricultores pobres que veem nessa determinação a continuação da eterna situação de arrendatários, uma vez que, devido aos escassos recursos, não seria possível viajarem a Santiago para disputar com os ricos e banqueiros um pequeno quinhão, tanto por causa dos custos da viagem, quanto pela competição que extariam expostos [...] (*La Igualdad*, 1892, p. 1).¹³

¹³ Esto viene a dessazonar el placer de numerosos agricultores pobres que ven en esa determinación la continuación del eterno inquilinaje puesto que, atendida a sus cortos capitales, no les sería posible ir a

As denúncias de injustiças a respeito do processo em que o Estado realizava os leilões se acentuaram nos próximos números, argumentando-se que as terras deveriam ser prioridade de quem havia migrado do próprio Chile para a região e que construía as novas cidades. Não tardaria para alguns periódicos começarem a perceber que o projeto de “colonização interna” sofreria o assédio da imigração. Entretanto, as vozes de defesa dos povos mapuche continuavam silenciadas.

Ao final da mesma década de 1890, surgiu *El Quilapan*,¹⁴ “semi-diario liberal independiente”, como se definia, na cidade de Traiguén, publicado entre 1899 e 1906. Editado e redatado por Moisés Rodríguez M., cabe ressaltar que a coleção disponível para pesquisa na Biblioteca Nacional do Chile está incompleta e faltam 32 números.¹⁵ De qualquer forma, em mais de 300 números pesquisados, encontramos matérias pouco respeitadas sobre os povos originários da região que englobava Traiguén e da vizinha Lumaco, por mais que se tentasse passar uma ideia de que era um jornal para todas as pessoas da região. Não podemos deixar de notar que os textos que se aproximam dos mapuche, mas que dificilmente os nomeavam como Wenteché, Naugche, Mapuche ou mesmo *arribanos*, e destinava as matérias geralmente a colunas secundárias.

Somente para citar alguns exemplos, um artigo chamado de “Cuento indio”, no número 4, em 10 de junho de 1899 (*El Quilapan*, 1899, p. 1); correspondências de Lumaco, que denunciavam a ação de assaltantes na cidade e inúmeros problemas relacionados à segurança pública, no número 5, de 13 de junho do mesmo ano; um convite para realização de um “Villatun” [sic], isto é um Ngillatun ou cerimônia mapuche, no número 36, de 08 de setembro do mesmo ano (*El Quilapan*, 1899, p. 2).

Contudo, o que parecia ser uma forma de respeito à diversidade, ruiu com a menção de que o jornal já havia conseguido “un *machi*”¹⁶ o brujo” (*El Quilapan*, 1899, p. 2). Tal associação sem sombra de dúvidas contribuía para a consolidação da interpretação dos invasores e colonos que desvalorizava e violentava as estruturas sociais dos mapuche.

No final da primeira página e início da segunda, do número 61 do jornal, de 26 de novembro de 1899, foi publicada a coluna *Intermedio Literario*, com o título “Selvas

Santiago a disputar a los ricos y banqueros una pequeña hijuela, tanto por el costo del viaje, cuanto por la competencia a que se verían expuestos [...].

¹⁴ Em referência ao longko mapuche que reagrupou os mapuche e enfrentou o exército chileno nas décadas de 1860 e começos dos anos 1870. Faleceu provavelmente em 1874 ou 1875.

¹⁵ Faltam os números 9, 15, 17 a 21, 23, 26, 30, 33-35, 40, 42, 49, 59, 60, 62, 63, 68, 70, 72, 75, 78, 88 a 90, 93, 96, 126, 129 e 131.

¹⁶ “Autoridade socio-religiosa mapuche”, com conhecimentos de saúde e medicina (Mariman, 2006, p. 275).

Araucanas”. O texto, assinado por C. A. Manríquez, afirmou que os “indómitos araucanos” – termo amplamente utilizado na região – estavam em rápido processo de desaparecimento, associando-os às “selvas araucanas”, ainda que o autor falasse em grandeza “araucana” e mencionasse as significativas lideranças de Milleraí, Caupolicán, Lautaro e Coñepan, no passado distante e recente, ou mesmo fizesse críticas aos “conquistadores” que se autoproclamavam como “civilizadores” (Manríquez, 1899, p. 1-2).

Não deixa de ser interessante que no mesmo número, o jornal fazia uma denúncia sobre a ineficiência dos serviços de segurança pública na cidade de Traiguén, ao demandar a necessidade de aumento do número do efetivo de pessoas capacitadas na área, ao invés de sua função ficar ao cargo de “soldados que han sido expulsados de los cuerpos del Ejército por mala conducta” (Rodríguez, 1899, p. 1). Aliás, as denúncias de problemas relacionados a contravenções, furtos e roubos perpassam os números, sempre na primeira página. Aliás, o jornal teceu inúmeras críticas ao processo de colonização do Wallmapu, como podemos observar no editorial de 12 de junho, de 1903, intitulado “La colonización nacional naufraga” (El Quilapan, 1903, p. 1).

Por fim, cabe citar o artigo “¡Pobres Araucanos!”, publicado em 07 de fevereiro de 1901. O título deve ter chamado a atenção dos leitores e não os deixava de preparar para um ambiente de penúria, tristeza e decepção.

Ao elaborar um retrato de decadência dos povos mapuche, que o jornal insistia em chamar de “araucano”, o texto mencionava a bravura e grandiosidade há 20 anos, mas que teriam se perdido na bebida e “vícios” atualmente, além de associá-los aos roubos e furtos da cidade. Em nenhum momento criticou a invasão ou argumentou que parte dos problemas enfrentados pudessem se relacionar com a invasão chilena e destruição das estruturas sociais e políticas dos mapuche (Wilhelm, 1901, p. 2).

No segundo texto, assim como podemos observar em vários periódicos da região, foram tecidas muitas críticas ao processo de colonização do Wallmapu, que enfrentava

A ideia de uma “colonização” com muitos problemas também foi compartilhada por outros periódicos, como no bisemanal *El Traiguén*, publicado entre 1887 e 1909, ao focar vários problemas enfrentados pela chegada do suposto “progresso” e a sua arrogante “civilização” ao Waj Mapu, como podemos observar ao longo dos primeiros 47 números¹⁷ e a partir do número 226.

¹⁷ Há um grande hiato no acervo da Biblioteca Nacional do Chile, entre os números 47 e 226 (1887-1889), o que nos impede de fazer afirmações sobre esses três anos.

Além das publicidades sobre “Fotografía Artística”, por Gustavo Milet (do número 15 ao 21), importante fotógrafo que migrou para a região e foi responsável pela construção de uma narrativa “pro-indigenista”, como argumentou Alonso Azócar (2005), *El Traiguen* estampou em seu folhetim o romance *Mariluán*, de Albert Blest Gana, a partir do número 30, de 05 de junho de 1887. Segundo Laura Hosiasson (2017) e Bruno Verneck (2023), o romance se distancia de outras narrativas vistas como indigenistas, mas que enfatizaram perspectivas de conciliação, assimilação ou mesmo previram o fim dos mundos originários, posições mais prevalentes no século XIX.

Com *Mariluán*, o jornal problematizava as relações entre “colonos” e “mapuche”, mesmo uma leitura desatenta do folhetim pudesse levar à interpretação de um desfecho sem possibilidades de sobrevivência do mundo originário e punição mental para as pessoas não-mapuche que se relacionassem com os mapuche.

Em uma rede de diálogos com entre diferentes periódicos, *El Traiguen* soma-se às críticas sobre políticas migratórias adotadas pelo Chile, ao afirmar que o Estado deveria promover a melhora dos serviços públicos e os “colonos” nacionais, antes de buscar mão de obra na Europa. Além disso, afirmou que a maior parte dos imigrantes usavam o apoio do governo chileno para chegar à América do Sul e atravessar a Cordilheira dos Andes rumo à Argentina (El Traiguen, 1889, p. 2).

Sem espaço para abordar todas as matérias no presente artigo, optamos por mencionar os principais números que criticam as políticas de “colonização” e os abusos cometidos por agentes estatais, bem como da impossibilidade das pessoas com menos recursos – em geral, trabalhadores que migraram de outras regiões chilenas – em adquirir lotes durante os leilões fiscais. As denúncias aumentaram nos próximos números e meses, com a publicação dos artigos “¡Se hunde la frontera!; ¡Viva la emigración chilena!” (El Traiguen, 1890, p. 2); “A los pueblos de la frontera” e “Lautaro agoniza” (El Traiguen, 1890, p. 2). Neste último, houve a acusação de que “uma avalanche de imigrantes estrangeiros” haviam feito um “cinturão de ferro” contra os colonos chilenos, que estariam agonizando, a despeito das promessas feitas pelo Estado chileno.

Para escrever as últimas páginas deste artigo, tivemos que fazer muitas seleções. Assim, abordaremos, em linhas bem gerais, *El Colono de Angol*, entre 1885 e 1910; *La Época*, de 1903 a 1910; e *El Colono de Traiguen*, no período compreendido entre 1906 e 1910. Nosso recorte cronológico, em 1910, diz respeito tanto à limitação de espaço para

a vasta produção que estes e outros periódicos¹⁸ pesquisados nos permitem abordar, bem como à criação da “Sociedad Caupolican, defensora de la Araucanía”, com sua tarefa “indigenista moderada” e a favor do respeito entre as populações chilena e mapuche (Bengoa, 1996, p. 331).

Diante de diversos fatores, o que inclui a realização de um Parlamento¹⁹ em Coz, em 1907, para expor os absurdos que acometiam os mapuche, e a atuação da Sociedad Caupolican, defensora de la Araucanía”, particularmente no caso em que José Manuel Painemal foi marcado na nádega direita com ferro quente, em 1913. Tal fato ficou conhecido como “Marcación de Painemal”, o que acentuou as críticas às relações que se estabeleceram entre o Estado chileno – assim como parcela significativa das pessoas que se mudaram para o Wallmapu – com os povos mapuche (Pinto, 2012, p. 12).

Além disso, como demonstrou a pesquisadora e atual diretora da *Comunidad de Estudios Mapuche*, Margarita Calfio, as mulheres desempenhavam diferentes e importantes papéis nas sociedades mapuche, mas perderam muitos espaços de poder com a usurpação de seus territórios e envio às escolas de ensino chilenas nos finais do século XIX e primeiras décadas do século XX (Calfio, 2013, p. 285-287).

Retomemos a abordagem dos 3 últimos periódicos do presente artigo. *El Colono* de Angol é, provavelmente, o jornal mais debatido nas pesquisas sobre a imprensa da região e possui coleções completas em algumas bibliotecas regionais, bem como na Biblioteca Nacional do Chile, localizada em Santiago. Assim, resumir sua atuação não é uma tarefa fácil. Sua publicação foi dividida em 2 etapas: 1895-1897 e 1897-1938. Entretanto, resumiremos um espaço de muitos debates em algumas páginas, correndo o risco de sermos muito ligeiros.

As abordagens sobre as sociedades mapuche, colonização interna e imigração europeia se entrecruzaram nas páginas de *El Colono*, como nos números 5 e 6, com o texto do colaborador T. C., intitulado “En plena barbarie”. O autor teceu loas à suposta “vitória da civilização” no Wallmapu, afirmou que uma mulher havia sido condenada e morta por “bruxaria”, como um ato de “barbárie” e a demanda dos familiares havia

¹⁸ *Araucanía* (1916-1917), *Arauco Indómito* (1924) e *El Araucano* (1926-1932), bem como o longo *El Diario Austral* (1916-dias atuais).

¹⁹ Em dissertação sobre os Parlametos mapuche, Carlos Contreras Painemal salientou que “la sociedad mapuche desarrolló mecanismos de negociación complejos y vinculantes con la corona de España y las repúblicas de Chile y Argentina, y que fue a partir de estos eventos que se desarrolló un proceso de interacción etnopolítica, cuyo resultado fue el haberse realizado 68 parlamentos con la corona de España; 40 con la república de Argentina: 22 con la república de Chile; 3 con los holandeses y 3 con Orelí Antoine, rey de la Araucanía y Patagonia” (Contreras Painemal, 2011, p. 11).

chegado aos tribunais da cidade (T. C., 1885, p. 2). Já no número 6, foi publicada a matéria “Los Araucanos”, com visões positivas sobre as sociedades mapuche, ao afirmar sua coragem e capacidade de união, quando era necessário, além de salientar que são

muito fiéis ao cumprir suas palavras [...] e cultivam suas terras com a melhor inteligência [...]; possuem um caráter magnânimo e, por tantas qualidades, hospitalidade e circunspeção, são chamados a constituir uma nação poderosa, digna de perpetuar – ser admirada (El Colono, 1885, p. 2).²⁰

No ano seguinte, foram reproduzidos vários editoriais de *La Época*, de Santiago, entre os números 33 e 39, com o título “La Araucanía, su presente y su porvenir”. Ao elogiar o proceso de “Pacificação da Araucanía”, sustentou, no número 35, “que los indígenas necesitaban ser incorporados definitivamente a Chile y formar parte de la civilización” (El Colono, 1886, p. 2).

Na maior parte dos números, os temas abordados tratavam de agricultura, quase como um manual de práticas agrícolas para região, bem como de solicitação para a melhoria de serviços de iluminação pública, salubridade e dos caminhos na região, o que nos permite pensar no público que assinava e comprava o jornal que era publicado duas vezes por semana.

Havia correspondentes em outras cidades, como em Temuco e Traiguén, o que ampliava os debates entre as cidades que publicaram a maior parte dos jornais regionais no final do século XIX e começos do XX.

As críticas ao projeto de colonização e, particularmente, as limitações de arremate de terras por “colonos” internos que já viviam na região, os chamados “rotos” e fronteiriços, deram a tônica dos anos 1886 e 1887. Como criticou o jornal em diversos momentos, a política de colonização estatal somente foi vantajosa para grandes proprietários de terra, imigrantes estrangeiros, que recebiam apoio financeiro e para as pessoas que burlavam o sistema, por meio de muitas fraudes, em articulação com diferentes agentes do Estado chileno.

Com a disseminação de uma epidemia de cólera no Chile e na Argentina, no início de 1887, o editorial do jornal solicitava ao governo central providências rápidas e eficazes para evitar o acometimento das pessoas mais desfavorecidas, particularmente de indígenas e colonos pauperizados, o que não significasse que seus redatores e colaboradores emitissem opiniões menos preconceituosas a respeito dos povos mapuche,

²⁰ muy exactos en cumplir su palabra [...] y cultivan sus tierras con mejor inteligencia [...]; tienen un carácter magnánimo, y por tantas distinguidas cualidades y su hospitalidad y circunspección, han estado llamados a constituir una nación poderosa, digna de perpetuarse y ser admirada.

como podemos observar no número 149, publicado em março de 1887:

Há alguns anos tudo o que agora constitui as províncias de Malleco e Cautín, era uma região abatida pela mais absoluta barbárie, uma região em que a impetuosidade de rios torrenciais, a impenetrabilidade de bosques seculares, o excessivo rigor das estações e a ferocidade dos araucanos opunham à civilização uma insuperável barreira (El Colono, 1887, p. 2).²¹

Entretanto, o próprio jornal se contradizia, pouco depois e em vários anos posteriores, ao afirmar que a situação da região era lamentável, sob governo militar ou civil, ao não dar conta da situação de saúde pública (números 180, 198, 245, 270, 280, 282 etc.), instrução e vários problemas enfrentados pelas linhas férreas, avaliadas como um dos principais símbolos da “civilização” (números 524, 526, 537 etc.).

Devido à riqueza de material proporcionada pela pesquisa de *El Colono*, pensamos que é necessária uma obra que organize os artigos por temas, com sumários e diferentes formas que auxiliem a consulta do jornal mais emblemático do período de ocupação do Wallmapu.

Vale ressaltar que o jornal inspirou a fundação de *El Colono de Traiguen*, em 1906, após o fechamento de *El Traiguen*, que se somava às críticas à falta de água potável na região, aos constantes problemas com os serviços de trens e ao furto de animais.

Os dois periódicos publicaram artigos muito preconceituosos sobre os mapuche, mas também houve espaço para vários artigos e colaborações que abordaram a história, língua, costumes, cultura e alianças políticas dos povos originários do Wallmapu, com visões mais criteriosas, principalmente no jornal de Traiguen, fundado em 1906.

Em nossa interpretação, *El Colono de Traiguen* e, particularmente, *La Época*, de Temuco, publicado em dois momentos (1903-1904; 1908 em diante), se transformaram nos dois principais veículos de debates sobre os povos mapuche.²²

De forma bastante resumida, no caso do jornal de Traiguen encontramos denúncias sobre a usurpação de terras indígenas nos artigos “Nuevas exacciones en Panguipulli. Como se burla el derecho de los indios. Parodia de justicia y formalidades administrativas” (El Colono de Traiguen, 1907, p. 2) e “Justicia y Humanidad”. Este

²¹ Hace algunos años todo lo que ahora comprende las provincias de Malleco y Cautín, era una región abatida por la más absoluta barbarie, una región en que la impetuosidad de torrentosos ríos, la impenetrabilidad de seculares bosques, el excesivo rigor de las estaciones y la fiereza de los araucanos oponían a la civilización una insalvable barrera.

²² Anteriormente, há vários artigos em *El Colono* sobre os estudos realizados por Tomás Guevara (entre o número 2608 e 2624) e um sobre Rodolfo Lenz (n. 2539), em 1896. Posteriormente, é possível encontrar uma resenha da obra de Guevara e uma carta do referido autor sobre a obra de Lenz, respectivamente, nos dias 02 de junho e 23 de julho de 1898. Além disso, o jornal publicou trechos de *Historia de la Civilización de Araucanía*, de Tomás Guevara nos dias 14 e 16 de fevereiro, e 22 de julho de 1899.

último consistiu na reprodução de um editorial de *La Unión*, de Santiago, e não mediou palavras, ao condenar a atuação do Estado chileno no Wallmapu, o que ocasionava a constante viagem de lideranças mapuche à capital do país.

O sistema de colonização empregado contra eles, pelos avarientos usurpadores das terras indígenas, foi condenado por ser cruel e desumano, lá no século XVI, em plena idade do ferro, nestas regiões recém-descobertas. Como, então, suportá-lo indiferentes em pleno século XX e após ter alcançado, há cem anos, os aplausos da civilização? (El Colono de Traiguen, 1907, p. 2).²³

Nos anos seguintes, os aumentaram e incorporaram efetivamente algumas lideranças mapuche, particularmente em *La Época*, de Temuco. A partir do número 93, publicado dia 20 de abril de 1909, o projeto de construção de uma estátua na cidade em homenagem aos generais Cornelio Saavedra, José Manuel Pinto, Basílio Urrutia e Gregório Urrutia, estimulou a publicação de muitos artigos sobre as relações entre os chilenos e os povos mapuche.

O debate foi bastante aguerrido, pois houve espaço para defensores do monumento (números 97, 100, 148), de críticos ao projeto (números 209, 217), bem como manifestos de defesas dos mapuche (números 113, 183, 188, 285), principalmente assinados por Manuel Manquilef (n. 145, 149, 159, 217).

Em breves palavras, Manquilef publicou um estudo sobre idioma, cultura, política e demais formas de organização dos povos mapuche, ao assinalar que se difundiam muitas informações equivocadas, com diferentes objetivos, particularmente de desacreditar as demandas de diferentes lideranças, bem como as narrativas sobre a formação histórica no Wallmapu, anteriormente à ocupação chilena (Manquilef, 1909, p. 2).

Em consonância com os artigos de Manquilef, há denúncias de usurpação indevida de terras e casas, como a sofrida pela família de José Miguel Nahuelhual, no mesmo ano. Segundo a nota jornalística, intitulada “Los Araucanos. Atropellos de que son víctimas”, Nahuelhual se queixou com o “protetor de indígenas” de Temuco, 190 pois foi levado ao cartório para assinar um documento de venda da casa que a família não reconhecia, em 1906. O jornal não desacreditou a denúncia de Nahuelhual e salientou que a assinatura do pai era uma fraude, pois ele havia falecido há 18 anos, isto é, 2 anos antes da data do documento. Assim, Nahuelhual teve que viajar a Santiago para fazer

²³ El sistema de colonización empleado contra ellos por los avarientos usurpadores de la tierra indígena, fue condenado, por cruel e inhumano, allá en el siglo XVI, en plena edad de hierro, en estas regiones recién descubiertas; ¿cómo entonces soportarlo indiferentes en el siglo XX y después de haber alcanzado, cien años hace, las palmas de la civilización?

uma demanda diretamente com o governo chileno (La Época, 1909, p. 2).

Entretanto, não podemos dizer que o jornal assumia uma postura indigenista, ao interpretarmos a cobertura do caso de um assassinato de um mapuche por um policial, durante a celebração de um Nguillatun, em Chol Chol. Ainda que afirmasse que não se deveria tomar uma posição enviesada, no artigo “Los villatums [sic]”, o jornal classificou a importante celebração como “uma dessas reuniões indígenas, em que nossos aborígenes, em união com os curiosos frequentadores, entregam-se a desenfreadas libações alcóolicas, que convertem os festeiros em indivíduos completamente fora de qualquer conhecimento são e culto” (La Época, 1909, p. 2).²⁴

Para finalizar e fazer um convite para mais pesquisas sobre a imprensa regional, cabe ressaltar que o ano de 1910 foi palco de um intenso debate sobre os papéis da Comissão Radicadora de Indígenas e do Internato escolar para os mapuche (números 346, 398, 400, 470, 543, 574 e 585), além das críticas trocadas entre Manuel Manquilef e Domingo Painevilu, a respeito do último levantamento mapuche contra a invasão do Wallmapu, em 1881 (números 517 e 547). Manquilef criticou Painevilu, por seu apoio aos chilenos, chamando-o de traidor. Já Painevilu, argumentou que era bem conhecida sua postura a favor do governo chileno e que não havia recebido terras em troca do apoio.

Vale destacar que Manquilef participou ativamente do “laboratório etnográfico” de Tomás Guevara, que havia se instalado em Angol (1896) e Temuco, a partir de 1897. Segundo o importante livro de Jorge Pavez Ojeda, Guevara incorporou 24 informantes mapuche e 2 chilenos, em Temuco, para narrar histórias de diferentes povos mapuche, à exceção dos lafkenche (litoral do pacífico), williche (sul do Wallmapu) e pewenche (povos das Araucárias, na cordilheira dos Andes). Contudo, Manquilef rompeu com a colonialidade de Guevara, em 1910 (Pavez Ojeda, 2015, p. 335).²⁵

Considerações finais

Em tempos de revoltas, manifestações e levantes contra os angustiantes efeitos

²⁴ una de esas reuniones indígenas, donde nuestros aborígenes en unión de los curiosos asistentes a ella, se entregan a desenfreadas libaciones alcohólicas, que hacen convertirse a los fiesteros en individuos completamente fuera de todo conocimiento sano y culto.

²⁵ Segundo o antropólogo chileno Jorge Pavez Ojeda (2015, p. 326), “[...] Guevara se encuentra en la lógica del antropólogo colonial, absorbido por el rescate de las ‘últimas costumbres’ de la ‘civilización’ de un ‘pueblo inferior’, sobre la tumba de las cuales quiere levantar su obra y su nombre de autor, y a la vez embarcado en la empresa de una definitiva asimilación a la sociedad chilena, asimilación a la cual pretende contribuir con su trabajo historiográfico, etnográfico y pedagógico”.

do ultraliberalismo que se implementou na sociedade chilena das últimas décadas, não temos medo de correr o risco de presentificar ao extremo a pesquisa, ao nos propor duas perguntas, que marcam as relações entre os diferentes povos ou sociedades que formam os Estados latino-americanos, em geral, e o chileno, em particular: podemos dizer que as visões mescladas de fascínio e repúdio, marcantes no século XIX, sobre as “alteridades” internas desapareceram do cenário político e acadêmico dos dias atuais? Em um momento de importantes críticas ao legado da ditadura chilena de 1973 a 1989, qual é o lugar reservado para o debate sobre os problemas enfrentados pelas sociedades originárias nas últimas décadas?

Podemos afirmar, ainda que de forma inicial, que as primeiras leituras feitas sobre a imprensa fundada, durante o processo de ocupação do Wallmapu e radicação das sociedades originárias da extensa região de mais de 500.000 km,² nos permite vicejar um complexo papel da imprensa, ao exaltar, de um lado, o desejado “avanço da civilização” e do “progresso”; e, de outro, ao proferir sólidas denúncias sobre os problemas do processo, como a corrupção de funcionários durante os leilões de terras, a especulação, os constantes acidentes e interrupções de funcionamento do sistema ferroviário, a falta de saneamento e água, violência policial e segurança pública insuficiente – quando não ausente – bem como os maus tratos praticados tanto em relação aos indígenas quanto aos colonos com poucos recursos que chegavam à região, e precisavam concorrer de forma profundamente desigual com os grandes proprietários e as grandes empresas que achaparravam as terras do Wallmapu.

Ainda que houvesse certa defesa do projeto imigratório implantado pelos governos chilenos, a tônica consistiu em enfatizar que os migrantes ou “colonos” nacionais deveriam ter prioridade, para se transformarem em pequenos proprietários de terra e garantirem o abastecimento da região, além de evitar que emigrassem para a vizinha Argentina.

Houve espaço para importantes debates sobre a obrigatoria radicação indígena no país, vista como precária pelos jornais, bem como sobre a construção de monumentos em homenagem aos generais que lideraram a ocupação do Waj Mapu e aos mapuche do passado, como a estátua para Caupolican.

Entretanto, assim como as interpretações etnográficas de Tomás Guevara, a ensaística de Isidoro Errázuriz, no livro *Las tres razas*, publicado em 1892 e boa parte das imagens publicadas como fotografias e cartões postais do período, os jornais contribuíram fortemente para a elaboração de narrativas que, de um lado, mobilizava

referentes indígenas, particularmente a ideia de que os mapuche, assim como os chilenos do século XIX, haviam enfrentado poderosas forças estrangeiras; de outro, incentivavam políticas de assimilação ou integracionistas e excluía as possibilidades de criação de espaços de autonomia.

São necessárias mais pesquisas sobre a imprensa regional em conjunto para perceber as conexões, mas também as disputas entre os periódicos, suas vinculações políticas, circulação e recepção em diferentes locais, bem como tratar do período que se inicia nas décadas de 1910 e 1920, com a criação de organizações mapuche de luta contra o colonialismo chileno.

THE CHILEAN REGIONAL PRESS AND THE NATIVE PEOPLES OF WALLMAPU: BETWEEN THE JUSTIFICATION OF THE PROCESS OF INVASION OF INDIGENOUS TERRITORIES AND THE CONSTRUCTION OF A SPACE OF RESISTANCE (1885-1910)

Abstract: Writing about the relations between the Chilean invasion of the Meli Wixan Mapu territories; Waj mapu or Wallmapu – in Mapudungun, through the regional press, consists of launching new perspectives on a topic marked by tensions, disputes, but also some dialogues. Our objective is to map a significant part of the debate that is structured in the main periodicals founded during the Chilean expansion towards the territories of the Wallmapu peoples, such as the Mapuche. The main hypothesis we seek to support is related to the important role of the press in creating a space for debate on the occupation of the territories of these peoples and the justification of the long process of “Pacification of Araucanía”; and the denunciations of abuses carried out by agents of the Chilean State, during the “indigenous settlement”, as well as criticism of the numerous problems with the functioning of railway lines, energy supply services, drinking water and basic sanitation; for another.

Keywords: History of Native Peoples; Mapuche; Chile; History of Print; Resistance.

LA PRENSA REGIONAL CHILENA Y LOS PUEBLOS ORIGINARIOS DEL WALLMAPU: ENTRE LA JUSTIFICACIÓN DEL PROCESO DE INVASIÓN DE TERRITORIOS INDÍGENAS Y LA CONSTRUCCIÓN DE UN ESPACIO DE RESISTENCIA (1885-1910)

Resumen: Escribir sobre las relaciones entre la invasión chilena a los territorios de Meli Wixan Mapu; Waj mapu o Wallmapu – en mapudungun, a través de la prensa regional, consiste en brindar nuevas perspectivas sobre un tema marcado por tensiones, disputas, aunque también algunos diálogos. Nuestro objetivo es mapear una parte significativa del debate que se estructura en los principales periódicos fundados durante la expansión chilena hacia los territorios de los pueblos del Wallmapu, principalmente los Mapuche. La principal hipótesis que buscamos sustentar está relacionada con el importante papel de la prensa en la creación de un espacio de debate sobre la ocupación de los territorios de estos pueblos y la justificación del largo proceso de “Pacificación de la Araucanía”; asimismo las denuncias de abusos cometidos por agentes del Estado chileno, al imponer la radicación indígena, así como las críticas a los numerosos problemas con el funcionamiento de líneas ferroviarias, suministro de energía, agua potable y saneamiento.

Palabras clave: Historias Indígenas; Mapuche; Chile; Periódicos; Resistencia.

Referências

Fontes jornalísticas

EL COLONO. Los Araucanos. **El Colono**, Angol, ano 1, n. 6, p. 2, 31 dezembro 1885.

EL COLONO. La Araucanía, su presente y su porvenir III. **El Colono**, Angol, ano 1, n. 36, p. 2, 11 abril 1886.

EL COLONO. Editorial. **El Colono**, Angol, ano 2, n. 149, p. 2, 26 março 1887.

EL COLONO DE TRAIGUEN. Nuevas exacciones en Panguipulli. Como se burla el derecho de los indios. Parodia de justicia y formalidades administrativas. **El Colono de Traiguen**, ano 1, n. 151, p. 2, 08 fevereiro 1907.

EL COLONO DE TRAIGUEN. Justicia y Humanidad. **El Colono de Traiguen**, ano 1, n. 152, p. 2, 15 fevereiro 1907.

EL QUILAPAN. Cuento indio. **El Quilapan**, Traiguén, ano 1, n. 4, p. 1, 10 junho 1899.

EL QUILAPAN. Adictos al Villatun. **El Quilapan**, Traiguén, ano 1, n. 36, p. 1, 08 setembro 1899.

EL TRAIGUEN. La inmigración extranjera. **El Traiguen**, Traiguén, ano 3, n. 282, p. 2, 01 dezembro 1889.

EL TRAIGUEN. ¡Se hunde la frontera!; ¡Viva la emigración chilena!". **El Traiguen**, Traiguén, ano 3, n. 282, p. 2, 16 janeiro 1890.

EL TRAIGUEN. A los pueblos de la frontera. **El Traiguen**, Traiguén, ano 3, n. 299, p. 2, 02 fevereiro 1890.

EL TRAIGUEN. Lautaro agoniza. **El Traiguen**, Traiguén, ano 3, n. 299, p. 2, 02 fevereiro 1890.

LA CONQUISTA. Aquiles I Rei de la Araucanía. **La Conquista**, Temuco, ano 1, n. 29, p. 1; 4, 01 dezembro 1887.

LA CONQUISTA. Inserciones. Venancio 2º Coñuepan. **La Conquista**, Temuco, ano 1, n. 33, p. 4, 29 dezembro 1887.

LA ÉPOCA. Los Araucanos. Atropellos de que son víctimas. **La Época**, ano 1, n. 185, p. 2, 08 agosto 1909.

LA ÉPOCA. Los villatums. **La Época**, a., n., p. 2, 10 novembro 1909.

LA IGUALDAD. Editorial. **La Igualdad**, Temuco, año 1, n. 9, p. 1, 15 maio 1892.

LA IGUALDAD. ¡Adelante! **La Igualdad**, Temuco, año 1, n. 38, p. 1, 31 dezembro 1892.

LA LEALTAD. Nuestro Programa. **La Lealtad**, Temuco, ano 1, n. 1, p. 1, 23 março 1891.

MANQUILEF, M. El Araucano. **La Época**, Temuco, ano 1, n. 145, p. 2, 20 junho 1909.

MANQUILEF, M. La sublevación de 1881. La línea del Cautín. **La Época**, Temuco, ano 2, n. 517, p. 1-2, 18 setembro 1910.

MANRÍQUEZ, C. A. Selvas Araucanas. **El Quilapan**, Traiguén, ano 1, n. 61, p. 1-2, 26 novembro 1899.

PAINEVILU, D. Inserciones. La sublevación de 1881. **La Época**, Temuco, ano 2, n. 547, p. 1-2, 26 outubro 1910.

RODRÍGUEZ, M. El Bandalaje. **El Quilapan**, Traiguén, ano 1, n. 61, p. 1, 26 novembro 1899.

T. C. Em plena barbarie. **El Colono**, Angol, ano 1, n. 5, p. 2, 27 dezembro 1885.

WILHELM. ¡Pobres Araucanos! **El Quilapan**, Traiguén, ano 2, n. 179, p. 1, 07 fevereiro 1901.

Bibliografia

ADICHIE, Chimamanda N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALONSO, Paula. (Comp.). **Construcciones impresas. Panfletos, diarios y revistas en la formación de los Estados nacionales en América Latina, 1820-1920**. Buenos Aires: FCE, 2004.

ALVARADO, M.; MEGE, P.; BÁEZ, C. **Mapuche. Fotografías Siglos XIX y XX. Construcción y Montaje de un Imaginario**. Santiago, Pehuén, 2001.

AVARIA, Barbara. S. **Identidad y nación entre dos siglos. Patria vieja, Centenario y Bicentenario**. Santiago: LOM, 2008.

AZÓCAR, Alonso. **Fotografía proindigenista: el discurso de Gustavo Milet sobre los mapuches**. Temuco: Ediciones Universidad de la Frontera, 2005.

BENGOA, José. **Historia del pueblo mapuche (Siglos XIX y XX)**. 5ª ed. Santiago: Ediciones Sur, 1996.

CALFIO, Margarita. Peküyen. In: NAHUEL PAN, H.; *et al.* **Tai ñ fijke xipa rakizuameluwün. Historia, Colonialismo y Resistencias desde el País Mapuche**. Temuco: Ediciones Comunidad de Historia Mapuche, 2013, p. 279-296.

CERDA HEGERL, Patricia. **Fronteras del Sur. La Región del Bio-Bio y La Araucanía Chilena. 1604-1883**. Temuco: Ediciones Universidad de La Frontera, 1996.

CHILE. **Informe de la Comisión Verdad Histórica y Nuevo Trato con los Pueblos Indígenas**. Santiago: Comisionado Presidencial para Asuntos Indígenas, 2008.

CONTRERAS PAINEMAL, Carlos. **Los Tratados celebrados por los Mapuche con la Corona Española, la República de Chile y la República de Argentina**. Tese (Doutorado em Altamerikanistik) – Universidad Libre de Berlín, 2011.

CUMINAO, Clorinda. Ensayo en torno a los escritos mapuche. In: ZAPATA, Claudia. (Comp.). **Intelectuales Indígenas piensan América Latina**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala, 2007, p. 151-167.

DUTRA, E. F.; MOLLIER, J. Y. (Eds.). **Política, nação e edição. O lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX**. São Paulo: Annablume, 2006.

FERNÁNDEZ DARRAZ, Enrique. **Estado y sociedad en Chile, 1891-1931. El Estado excluyente, la lógica estatal oligárquica y la formación de la sociedad**. Santiago: LOM, 2003.

GONZALEZ-MARILICAN, M.; MONTANARES-VARGAS, E. Minusvaloración y potencialidad educativa de un hecho histórico “pintoresco”: El Rey de la Araucanía, Orelie-Antoine de Tounens, en los textos escolares de Historia, Geografía y Ciencias Sociales, entre los años de 1981 y 2022. **Sophia Austral**, n. 29, v. 8. <https://doi.org/10.22352/SAUSTRAL20232908>.

GREZ, Sergio. (Ed.). **La “cuestión social” en Chile. Ideas y debates precursores (1804-1902)**. Santiago: DIBAM, 1995.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HERNÁNDEZ, Isabel. **Autonomía o ciudadanía incompleta. El pueblo mapuche en Chile y Argentina**. Santiago: Pehuén, 2003.

HOSIASSON, Laura. **Blest Gana por inteiro**. Tese (Livre-Docência em Literatura Hispano-Americana) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

HUILIÑIR-CURIO, Viviana. Los senderos pehuenches en Alto Biobío (Chile): articulación espacial, movilidad y territorialidad. **Revista de Geografía Norte Grande**, n. 62, p. 47-66, 2015.

ILLANES, María Angélica. **Chile Descentrado**. Santiago: LOM, 2003.

MANDRINI, Raúl. **América aborigen: de los primeros pobladores a la invasión europea**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013.

MARIMÁN QUEMENADO, P.; CANIQUEO HUICAPÁN, S.; LEVIL CHICAHUAL, R.; MILLALÉN, José. **¡...Escucha, winka...! Cuatro ensayos de Historia Nacional Mapuche y un epílogo sobre el futuro**. Santiago: LOM Ediciones, 2006.

MELÍN, M.; MANSILLA, P.; ROYO, M. **Cartografía cultural del Wallmapu: elementos para descolonizar el mapa en territorio mapuche**. Santiago: Lom Ediciones, 2019.

MILLALÉN, José. La sociedad mapuche prehispánica: kimün, arqueología y etnohistoria.

In: MARIMÁN QUEMENADO, P.; CANIQUEO HUICAPÁN, S.; LEVIL CHICAHUAL, R.; MILLALÉN, José. **¡...Escucha, winka...! Cuatro ensayos de Historia Nacional Mapuche y un epílogo sobre el futuro**. Santiago: LOM Ediciones, 2006, p. 17-52.

NAHUEL PAN, H.; *et al.* **Tai ñ fijke xipa rakizuameluwün. Historia, Colonialismo y Resistencias desde el País Mapuche**. Temuco: Ediciones Comunidad de Historia Mapuche, 2013.

PAVEZ OJEDA, Jorge. **Laboratorios etnográficos. Los archivos de la antropología en Chile (1880-1980)**. Santiago: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2015.

PINTO, Jorge. **De la inclusión a la exclusión. La formación del estado, la nación y el pueblo mapuche**. 2ª ed. Santiago: DIBAM, 2003.

PINTO, Jorge. El parlamento de Coz Coz y la marcación de Painemal, un giro en la relación de la sociedad chilena con el pueblo mapuche, 1907-1913. **Tefros**, v. 10, n. 1-2, p. 1-23, 2012.

PINTO, J.; VALDIVIA, V. **¿Chilenos todos? La construcción social de la nación (1810-1840)**. Santiago: LOM, 2009.

QUINTRIQUEO, S.; *et al.* Conocimientos geográficos y territoriales con base epistémica en la memoria social mapuche. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 36, n. 106, e3610603, 2021.

RUIZ-ESQUIDE, Andrea. **Los indios amigos en la frontera araucana**. Santiago: DIBAM, 1993.

SALAZAR, Gabriel. **Construcción del Estado en Chile (1800-1837)**. Santiago, Sudamericana, 2005.

SEIXLACK, Alessandra G. C. "Pelear hasta vencer los huincas": a conquista do Wallmapu e a resistência mapuche no século XIX. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, v. 22, n. 33, p. 114-139, 2022. Disponível em: <https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/4062>. Acesso em: 20 março. 2024.

VERNECK, Bruno. Fardo civilizador e visões da barbárie: Mariluán, de Alberto Blest Gana, em seu tempo. **Caracol**, São Paulo, n. 25, p. 831-859, 2023

SOBRE O AUTOR

Mateus Fávaro Reis é doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); docente da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Recebido em 30/05/2024

Aceito em 24/06/2024